

# Clamor y sus actividades La Solidaridad No Tiene Fronteras

## El papel de CLAMOR

Jan Rocha<sup>1</sup>

### Resumen

En este trabajo, se analizará la organización brasileña Clamor. Durante la dictadura militar iniciada en 1964 se creó, en 1978, una organización denominada Clamor, el Comité para la Defensa de los Derechos Humanos en el Cono Sur, vinculado al Arzobispado de Sao Paulo. Los relatos de los refugiados argentinos que llegaban a Brasil, hombres, mujeres y niños, en sus millares, contaban increíbles historias de crueldad, pero al mismo tiempo de coraje y resistencia. Mas en larga parte la situación de terrorismo del estado que se instalara en el país vecino era desconocido por la opinión pública, no solo en Brasil más en el mundo afuera.

El grupo Clamor fue formado por un pequeño grupo de voluntarios que decidirán no solamente ayudar los refugiados con asistencia práctica, más denunciar lo que pasaba en los países del Cono Sur tomados por dictaduras cívico-militares. Era un grupo ecuménico y cosmopolita, sin estructura formal. Entre los miembros tenía religiosos católicos y protestante, abogados, una periodista, una psicóloga, una profesora, brasileños y extranjeros.

En medio al régimen militar, patrocinar una organización para ayudar a políticos de izquierda del Cono Sur y denunciar los crímenes de los generales no dejaba de ser una osadía temeraria. En esta ponencia se analizarán sus principales acciones.

---

<sup>1</sup>Integrante de Clamor. [janter40@gmail.com](mailto:janter40@gmail.com)

# **Clamor y sus actividades La Solidaridad No Tiene Fronteras**

## **El papel de CLAMOR**

*Denuncias en el ámbito internacional.  
Actores, destinatarios y solidaridad internacional  
durante el terrorismo de Estado en Argentina*

Un pequeno grupo ecuménico localizado en São Paulo que se dedicó a ayudar a los refugiados de las dictaduras del Cono Sur y denunciar los crímenes del Estado Argentino y de los otros Estados de la región dentro del Plan Cóndor.

O CLAMOR, cujo nome completo era o Comitê para Defesa dos Direitos Humanos nos Países do Cone Sul, foi criado em São Paulo em maio de 1978, quando havia um grande influxo de refugiados argentinos que chegaram ao Brasil depois do golpe de 1976. Desde o início o grupo contou com o apoio entusiasmado e ativo do então Arcebispo do São Paulo, Cardeal Paulo Evaristo Arns.

O CLAMOR foi uma resposta direta às denúncias de atrocidades sendo praticadas na Argentina, trazidas pelos refugiados. Era um grupo pequeno, ecumênico e internacional, todos voluntários, menos o Pastor Jaime Wright, que passou a receber financiamento da sua igreja para se dedicar em tempo integral ao CLAMOR. Os objetivos do grupo eram humanitários, e numa exposição de seus motivos declarava que ‘refletiu uma ponto de vista cristã, ecumenica e não-política.’ Desde o início contava com o apoio do Conselho Mundial de Igrejas, através do seu representante para América Latina, Charles Harper.

Alem das denúncias, o grupo tinha um objetivo prático: proporcionar ajuda aos refugiados que chegaram ao Brasil fugindo da repressão e perseguição, a maioria vindo da Argentina, mas também do Uruguai.

Alguns buscavam reconhecimento oficial como refugiados dado pelo ACNUR. O governo militar brasileiro, com certa má vontade, autorizou a instalação temporária de um escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, ACNUR, em 1977. Mas não permitiu a permanência dos refugiados no Brasil. Assim o reconhecimento pelo ACNUR automaticamente levava ao asilo em outro país, principalmente na Europa. Entre maio de 1977

e março de 1978 mais de 800 refugiados argentinos receberam asilo em países europeus. Porém o ACNUR não reconhecia os que tinham participado de movimentos armados. E muitos não queriam ficar tão longe do seu país e das suas famílias, queriam ficar no Brasil.

Portanto existia um grande número de refugiados que ficaram no Brasil sem a proteção do ACNUR. A alternativa era ficar ilegal quando o visto de turista expirava, ou se arriscar a viajar cada seis meses para uma fronteira, geralmente Foz do Iguaçu, para renovar o visto. Foi este grupo que o Clamor ajudava com moradia, assistência médica e psicológica e documentos para conseguir matrículas em escolas.

Alem das suas dramas pessoais, os refugiados traziam notícias de desaparecimentos em massa e da existência de campos clandestinos de detenção, fatos que eram pouco conhecidos fora da Argentina.

O CLAMOR decidiu que seria muito importante divulgar estas informações para a maior audiência possível. Começou a publicar boletins com relatos e denúncias, em três línguas, português, espanhol e inglês e enviá-los para entidades, departamento e agências governamentais e indivíduos em mais de 50 países. O primeiro boletim saiu em junho de 1978 para coincidir com a Copa do Mundo na Argentina. Entre 1978 e 1984 foram publicados 16 números nas três línguas, totalizando 48 edições.

Muitos refugiados ajudaram na preparação das matérias, traduzindo depoimentos e relatórios. Logo CLAMOR estabeleceu contatos com entidades de familiares, de direitos humanos e de igrejas, primeiro nos países do Cone Sul, depois na América Latina em geral, na Europa e na América do Norte. Desde o início contamos com o apoio do Conselho Mundial de Igrejas, através do seu representante para América Latina, Charles Harper.

Nos começamos a receber cartas com denúncias, além de boletins, revistas, newsletters e cada vez mais, visitas de membros destas entidades, e também de diplomatas em busca de informações. Centenas de cartas chegaram, enviadas por familiares de desaparecidos e de presos, vindo não só da Argentina, mas também do Uruguai, Paraguai, Chile e depois do golpe de 1980, da Bolívia.

Membros do CLAMOR viajaram aos países vizinhos para oferecer solidariedade, mas também coletar informações, visitar presos, e levar ajuda financeira, as vezes enfrentando situações de risco.

O CLAMOR sempre procurou ser uma entidade de ações práticas, não só de palavras. Nossas principais ações incluíram:

- A primeira descoberta de crianças sequestradas na Argentina e desaparecidas. O caso dos irmãos Anatole e Lucia Victoria Grisonas Julien, com 4 anos e 18 meses, filhos de exilados

uruguayos que viviam em Buenos Aires, desaparecidos em setembro de 1976, e encontrados 3 anos depois no Chile.

Em maio de 1979, depois de receber informações vindo de Venezuela via Paris, de que as duas crianças teriam sido abandonadas em Valparaíso em dezembro de 1976 e subsequentemente, adotadas por um casal chileno, o CLAMOR planejou uma cuidadosa operação para checar as informações, conseguir documentos provando a verdadeira identidade das crianças, sustar o processo de adoção formal e reunir as crianças com a sua verdadeira família. Esta operação envolveu o envio de pessoas ao Uruguai e ao Chile em viagens sigilosas.

A notícia da descoberta, anunciada em São Paulo no dia 29 de julho de 1979 por Cardeal Arns, teve grande repercussão, por ser a primeira vez que crianças desaparecidas na Argentina foram encontradas. Também foi uma prova da colaboração entre as forças de segurança de vários países, mais tarde conhecida como Operação, ou Plan Condor.

A descoberta levou o CLAMOR a estreitar relações com Las Abuelas de Plaza de Mayo, que passaram a fazer frequentes viagens a São Paulo levando informações sobre seus netos desaparecidos.

- Em 1979 CLAMOR lançou uma campanha mundial pelas crianças desaparecidas, com a ideia de chamar atenção para a questão dos bebês nascidos em cativeiro, e das crianças pequenas e adolescentes sequestradas com ou sem os seus pais na Argentina. Publicou uma lista parcial com 99 nomes. Em agosto de 1979 publicou um boletim dedicado aos casos de 57 mulheres grávidas sequestradas e desaparecidas na Argentina, baseado na lista preparado pela Asamblea Permanente por los Derechos Humanos, para a visita da Comissão de Direitos Humanos da OEA.

- Em 1983 e 1984, o Clamor financiou a produção gráfica e impressão de calendários com fotos de crianças desaparecidas, um projeto conjunto com as Abuelas de Plaza de Mayo, distribuídos na Argentina e em todo o mundo. Também colaborou ativamente com as Abuelas de Plaza de Mayo na tentativa de encontrar uma técnica para identificar crianças sequestradas quando bebês ou nascidos em cativeiro, na ausência de material genético dos pais (isso foi antes da descoberta do DNA). Hematologistas em diversos países foram consultados.

- Em 1983 financiou a ida das Abuelas ao Banco de Sangue em Nova York, uma visita que levou ao desenvolvimento da técnica chamado de *abuelismo*, que identificava com 99.9% de certeza o parentesco baseado no sangue dos abuelos, tios e outros parentes próximos.

- CLAMOR colaborou na descoberta de outras crianças sequestradas, por exemplo, Mariana Zaffaroni, sequestrada em Buenos Aires em setembro de 1976, quando tinha 18 meses, junto com os pais uruguayos. Depois que o jornal brasileiro *O Estado de São Paulo* publicou uma

entrevista com um membro anônimo do SIDE em que ele mencionou a presença de uma criança no campo clandestino Automotores Orletti, onde presos uruguaios estavam mantidos, em janeiro de 1984, o CLAMOR ajudou os avós paternos da Mariana, que moravam no Rio, a publicar um anúncio no jornal Clarin.

Antes o Clamor fez uma campanha para levantar recursos suficientes para pagar um anúncio numa posição prominente no jornal com a foto dela, dando o endereço do CLAMOR para respostas. O resultado foi uma carta anônima contendo os dados, incluindo nome e endereço, do apropriador da Mariana, o membro do SIDE Miguel Angel Furci, que possibilitou a sua localização e posterior recuperação.

-O CLAMOR também recebeu a primeira denúncia do desaparecimento da criança Paula Eva Logares, sequestrada junto com seus pais em Montevideo em 1978, e levada para Buenos Aires onde foi apropriada por um policial. A foto que ajudou a identificar a Paula foi enviada as Abuelas por Clamor e ela foi eventualmente devolvida a avó com 9 anos de idade.

- O Clamor participou com outras entidades das entrevistas no Brasil e posterior asilo político para vários desertores militares, na sua maioria uruguaios. Em 1980 chegou um ex-membro da polícia federal argentina, Rodolfo Fernandez, que fez um depoimento sobre as atividades do Ministerio do Interior, especialmente a repressão contra a igreja progressista católica.

- Em 1981 o Clamor publicou uma lista com 7921 nomes de pessoas desaparecidas na Argentina, com dados de cada uma, em forma de livro. A nossa intenção foi mostrar que atrás dos números existiam pessoas, homens, mulheres, crianças, pais, filhos, netos, irmãos. A lista foi o resultado de 2 anos de trabalho intensivo, juntando todas as várias listas já publicadas pelas entidades argentinas e pela Anistia Internacional. Este trabalho foi levado a cabo por um casal de exilados argentinos, Marisa Magni e Gustavo Pierola. O livro ficou pronto em dezembro de 1982 e em janeiro foi entregue por Cardinal Arns ao Papa João Paulo II em Roma.

Em 1984 o governo do Presidente Raul Alfonsín pediu os dados usadas para compor a lista para o trabalho da recém instalada CONADEP (Comisión Nacional sobre La Desaparición de Personas), que resultou no relatório Nunca Más. O CLAMOR enviou para Buenos Aires todas as fichas utilizadas na confecção da nossa lista. O CONADEP convidou Dom Paulo a participar dos trabalhos, mas ele declinou, dizendo que era um trabalho para os argentinos,

- Em 1983 o CLAMOR organizou o primeiro encontro de sobreviventes de um campo clandestino, La Cacha, reunindo 26 pessoas vindo de vários países. Os ex-detenidos juntaram as suas memórias para fazer uma lista de todas as pessoas que eles lembraram ter conhecido ou visto no campo, dos nomes dos guardas e das torturas as quais foram submetidas. O encontro em São Paulo aconteceu em um convento, e foi mantido em sigilo até os participantes tinham

voltado aos respectivos países de exílio. O relatório foi publicado na imprensa internacional e em vários jornais argentinos,

O CLAMOR colaborou com as comissões de direitos humanos da ONU em várias ocasiões. Em 1980, o boletim do Clamor com a lista das crianças desaparecidas, foi apresentado à Comissão dos Direitos Humanos em Genebra pelo Conselho Mundial de Igrejas quando a Comissão estava considerando a questão dos desaparecimentos forçados. A situação no Cone Sul foi um fator importante na decisão da Comissão de estabelecer um Grupo de Trabalho sobre o assunto.

Posteriormente o Clamor foi consultado pelo Grupo de Trabalho da Comissão sobre Desaparecimentos Forçados e em 1985, foi convocado a testemunhar quando o Grupo de Trabalho se reuniu em Buenos Aires entre os dias 5 a 14 de junho de 1985.

Em 1985 a Medalha Nansen, do ACNUR, foi outorgada ao Cardinal Arns em reconhecimento do seu trabalho com refugiados.

Em 1991, depois que o General Pinochet deixou o poder, o CLAMOR, que sempre dizia que não pretendia ser uma entidade permanente, mas ia existir só até o fim das ditaduras no Cone Sul, fechou as portas.

O acervo do CLAMOR, contendo milhares de documentos, foi para o CEDIC, Centro de Documentação e Informação da PUC de São Paulo, e já foi consultado por muitos pesquisadores e por familiares de desaparecidos. O arquivo foi escolhido pelo UNESCO para fazer parte da Memória do Mundo.

As muitas atividades, investigações, campanhas e publicações do CLAMOR entre 1978 e 1991, só foram possíveis graças ao apoio permanente do então arcebispo de São Paulo, Cardeal Arns, à estreita colaboração das entidades de direitos humanos na Argentina e nos outros países do Cone Sul, do Brasil e do mundo. Contava sempre com a ajuda de muitos voluntários, começando com os membros do próprio grupo, que abriam as suas casas para refugiados, e dedicava todo seu tempo livre para as atividades de solidariedade e divulgação.

Apesar de ter exercido um papel tão importante em denúncias e solidariedade, diferentemente das outras entidades internacionais o CLAMOR hoje é largamente desconhecido.

Numa tentativa de resgatar a sua história, eu escrevi o livro Solidariedade Não Tem Fronteiras, publicado no Brasil em 2018, a ser publicado em inglês em 2022. Gostaria muito de publicar o livro em espanhol. A tradução já está pronta. Assim a história do CLAMOR, que faz parte da história da Argentina, e dos outros países do Cone Sul, se tornaria mais conhecida.

Jan Rocha

## **Apendices**

### **1. Membros do grupo CLAMOR**

Reverendo Jaime Wright, pastor presbiteriano (falecido)

Luiz Eduardo Greenhalgh e Fermino Fecchio, advogados

Roberto Grandmaison, padre catolico (falecido)

Michael Mary Nolan, religiosa

Theresa Brandão, professora

Maria Auxiliadora Abrantes, psicologa

João Xerri, frei dominicano (falecido)

Lilia Azevedo, tradutora (falecida)

Jan Rocha, jornalista

### **2. As entidades no Cone Sul com as quais o Clamor mantinha contatos regulares**

#### **a) Argentina**

Asociación Abuelas de Plaza de Mayo, Buenos Aires

Asociación Madres de Plaza de Mayo, Buenos Aires

APDH –Asamblea Permanente por los Derechos Humanos, Buenos Aires

CELS-Centro de Estudios Legales y Sociales, Buenos Aires

Comision de Familiares de Detenidos Desaparecidos e Presos por Razones Politicas, Buenos Aires

Liga Argentina por los Derechos del Hombre, Buenos Aires

MEDH -Movimiento Ecumênico por los Derechos Humanos, Buenos Aires

SERPAJ –Servicio Paz y Justicia, Buenos Aires

Equipo Argentino de Arqueologia Forense, Buenos Aires

#### **b) Uruguai**

Familiares de Uruguayos Desaparecidos en Argentina, Montevideo

SERPAJ – Servicio Paz y Justicia, Montevideo

Comision Paz y Bien, Montevideo

#### **c) Chile**

Vicaria de la Solidaridad, Santiago

FASIC – Fundacion de Ayuda Social de Iglesias Cristianas, Santiago

SERPAJ – Servicio Paz y Justicia, Santiago

Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos, Santiago

CODEPU -Comite de Defensa de los Derechos del Pueblo, Concepción, Chile

O Clamor manteve contatos regulares com a Vicaria da Solidariedade e FASIC especialmente, e depois estabeleceu contatos com várias entidades de familiares chilenas.

#### **d) Paraguai**

Comite de Iglesias para Ayudas de Emergencia, Assunção

CPFDA - Comisión Permanente de Familiares de Desaparecidos y Asesinados, Assunção

Comisión Paraguaya de Defensa de los Derechos Humanos, Assunção

BPD -Banco Paraguay de Datos, Assunção

MPC -Movimiento Paraguayo Campesino, Assunção

APE -Acuerdo Paraguayo en el Exilio, Foz do Iguaçu

#### **e) Bolívia**

Asamblea Permanente de los Derechos Humanos, La Paz

Cedoin- Centro de Documentacion y Informacion, La Paz

Os contatos com as entidades e igrejas em Bolívia comecou depois do golpe de 1980, e a visita de um membro do Clamor aquele pais para levantar informações.

#### **f) Peru**

Peru não fazia parte do Cone Sul, mas era a base para alguns entidades de direitos humanos, por exemplo:

Comité de Solidaridad por los Derechos Humanos en Bolívia, Lima

Fedefam - Federación LatinoAmericana de Asociaciones de Familiares de Detenidos-Desaparecidos

#### **g) EUA**

WOLA- Washington Office on Latin América, Washington

HRI – Human Rights Internet, Harvard

Paraguay Watch, Washington

Americas Watch, New York

OCAA- Organisation for Christian Action on Argentina, Nova York

Coalition of NGOs concerned with Impunity for Violators of HR, New York

Washington Lawyers Committee

#### **h) Canadá**

Canadian Council of Churches, Toronto

Comite para Defesa de los DH en Uruguay, Toronto

## **Europa**

### **i) França**

SIJAU -Secretariado Internacional de Juristas por Anistia no Uruguay, Paris

SIJADEP -Secretariado Internacional de Juristas por Democracia no Paraguay, Paris

CIMADE- Comité por Evacuados da Guerra, Paris

### **j) Espanha**

COSAFAM, Madrid

### **k) Suíça**

WCC - Conselho Mundial de Igrejas, Genebra

### **l) Holanda**

ADB – Adveniat Diakonat Bureau

CVZW Algemeen Diakonal Bureau

CVZ- Centrum Voor Zending en Diakonaat

### **m) Suécia**

Frikyrkan Hjalper – Swedish Free Church

### **n) Inglaterra**

Amnesty International, Londres

CAFOD-Agência Católica para o Desenvolvimento Exterior, Londres

Christian Aid, Londres

JWG - Joint Working Group, Londres

Chile Committee for Human Rights

Committee for Human Rights in Uruguay

Paraguay Committee for Human Rights in UK

### **o) Irlanda**

Trocaire, Dublin

## **3. Financiamentos**

Para financiar as suas muitas atividades – boletins, publicações, viagens, ajuda aos refugiados e a entidades de familiares no Cone Sul – o Clamor recebeu verbas de várias organizações americanas e europeias – Conselho Mundial das Igrejas, Cafod, Christian Aid, Trocaire e de igrejas protestantes na Suécia e na Holanda, como Frikyrkan Hjalper, Swedish Free Church

Aid, e o Algemeen Diakonal Bureau e CVZ- Centrum Voor Zending en Diakonaat, da Holanda.